

cinzas

entre o preto e o branco

de clarice

aos peregrinos,
que cruzam os caminhos;
nossos passos são a realidade.

*she's got everything she needs,
she's an artist, she don't look back.
she's got everything she needs,
she's an artist, she don't look back.
she can take the dark out of the nighttime
and paint the daytime black.*

**she belongs to me
Bob Dylan**

Preto. Ausência de cores, de todas as cores que vivemos juntos. Clarice gostava de roupas pretas, sem excessos, sem ideologia, ela simplesmente sabia que o preto aumentava seu poder. Estranho falar de poder quando falo de Clarice, melhor o simples simplesmente combinando com suas mãos cercadas de preto; dentro dos bolsos, da calça ou da blusa, mesmo seus vestidos de toque leve e medieval tinham bolsos, geralmente pretos. Seus cabelos quase pretos sempre me fascinaram, lembravam os meus, mas eram mais vivos, tinham a personalidade que eu nunca tive. Clarice gostaria de saber porque escrevo como se tudo já estivesse terminado, se estou apenas no começo. Ela nunca entende quando digo que o tempo é apenas uma abstração, mas sei que sou eu que não consigo me convencer disto, esta racionalidade que me prende e que nunca a

alcançou. Não se trata disto, e sim da saudade, da ausência das cores que não sabem onde estão. Escrevo como se fosse o fim porque já o sinto, sinto falta do que ainda vou viver mais do que daquilo que não vivi, você entende Clarice, do que falo, foi você que me ensinou a caminhar. Por isto caminho por esta página, rumo a próxima e ao fim, que não precisa chegar, mas sem ele não nos satisfazemos. Falei de poder sem direito de fazê-lo, no fundo você compreende, do seu jeito, que não posso escapar de meu passado, estou aqui por tudo que já fiz e em grande parte faço o que faço por isto. Busco o poder, sua nobreza, e destruo as coisas pelo caminho, passos indecisos e sem pegadas claras, você faz um poema; ausência de cores. O preto não é uma cor, é um sentimento, talvez agora você entenda porque falei de poder. As coisas são simples, sempre foram simples para você que nunca se esforçou em aprender nada, não por sua genialidade, que você tem, não voltemos a discutir isto, mas por sua leveza, afinal, porque colocar o peso de uma crase sobre uma letra tão bela quanto o a, perguntou você para a professora de português no colégio. Ela não soube responder, ninguém saberia, e você nunca usou uma crase, deixou que o a fosse livre, caminhasse pelo texto como uma dama no tabuleiro, ignorando o rei e toda a corte, que a

chamava de boba mas inclinava-se em sua presença; a rainha Clarice. Você não é uma rainha, falta-lhe a pretensão, siga-te por prazer, atraído pelo preto de suas roupas a denunciar seus cabelos, seus olhos, você, que passa pela vida como um quase, sem compromisso com a realidade, deslumbrada sem se perder. Estou aprendendo muito com você e quero continuar lhe ensinando as coisas que sei sobre o preto, cor sem cores, mestre sem discípulos, realidade sem luz. Sempre fascinada pela luz, você fechava meus olhos e me pedia para ver, e eu via. Via seus sonhos se cruzarem com os meus, vindos de lados opostos, convergindo por momentos. Os momentos passam, voltam, retornam sem serem os mesmos. Alguns mais do que outros vivemos um único momento, este momento, suas mãos sobre meus olhos fechados para verem o real, sentir o poder de seu toque e a transcendência do olhar cego. Nunca conseguimos ver bem, eu principalmente, com meus óculos sujos nem mesmo ouvia o que era dito, tinha que limpá-los enquanto o momento passava, se perdia. O preto também é esquecimento, a morte de um momento vivido ao seu lado. Quase não acredito, mas este é seu reino e eu apenas um passante sem asas. Você sempre voou em seus sonhos, mas não foi assim que encontrou a felicidade. Ela já estava com você assim como você está comigo agora, mas você

não é minha felicidade; você é quase. Falta algo, esta ausência de cor definida que se apodera de minhas palavras sobre o nada. Olhamos as estrelas, ouvimos sua música e eu te digo que elas estão mortas. Quantas vezes você já ouviu isto, em filmes, em aulas, em discursos e conversas no trabalho, não faz diferença, você sempre chora e eu perguntaria, se o fizesse, o porque chorar algo tão belo. Você não tem noção destas coisas, o fim, com o qual começo, nunca é verdadeiro, você sempre o transcende, continua a história em outra sem se preocupar com os nomes, com a época ou mesmo com a língua. Você sempre faz um poema, que não chega. Como não chega o fim deste começo que soa como o próprio fim. Você mesma disse que depois do fim vem o limite do verso além do papel. Você queria uma história e eu lhe dou palavras, talvez a história me fizesse bem, mas nos confundimos, temos medo, eu e você somos parecidos, somos irmãos que não se entendem, resta a compreensão e a transcendência, mas fica a saudade, esta ausência inicial que nada mais é que o esquecimento. Estamos esquecidos e vagamos em busca de coisas que não existem mais, então, estamos em casa. Perguntas e desejos, cercam o papel; ainda em branco. Eu deveria contar uma história para meu amor, mas já temos lágrimas reais, temos a solidão desta ausência de

planos. Estou a deriva. Como é belo o a, você tinha razão, poderia escrever uma página de as e ficar admirando-a. Além do começo quero chegar ao meio, seguido pelo fim sem firulas; tenho que esperar. Você me acompanha, me olha com estes olhos redondos que sempre me lembram olhos orientais. Talvez por causa de sua boca, pequena e frágil, que sempre me diz para ter calma, as flores ainda estão no jardim e a noite chega. Poderia estar chovendo, mas não estava, tínhamos luar e estrelas sobre a noite silenciosa. Estávamos perdidos, como de costume, caminhávamos sem vermos o caminho, ocupados com nossas idéias imprecisas sobre o que faríamos até o amanhecer que chegava sem aviso. O sono se esquecia de nós, eu me esquecia de Clarice e ela esquecia o mundo. Estes eram, e ainda são, os momentos dos quais sinto saudade, ausência do amanhã que ainda virá e da noite em que caminharemos até um café para ouvir um pouco de música. Temos que sair para ver o sol nascendo, mas ainda está escuro, talvez frio, até chovendo lá fora gostaríamos de sair, mas o café e os amigos tornam o lugar agradável e ficamos quando Clarice não se aborrece com o intelectualismo da conversa e começa a brincar com as palavras, seu jogo predileto. O efeito da falta de dormir também cumpre seu papel, mais do que uma necessidade física,

dormir é para Clarice o ato de sonhar com a vida, esquecer as pedras e se contentar com o caminho, comer bem e ser feliz. Esta é minha Clarice, quase um sonho acordado, que brinca com as crianças que a percebem e contempla as que estão muito envolvidas para isto. Saudade de ser criança, sempre me diz, saudade de poder viver sem preocupações, saudade tola, pois não temos preocupações, este é o poder da ausência, não estamos aqui mas existimos, como o preto, que se espalha pela folha ainda em branco, uma mancha que traduz, sem muita compreensão, o que somos, pensamos em desejos que cercam o papel, nosso ser, nossa existência. Naquela manhã que ainda virá e me causa tanta nostalgia o sol nasceu coberto pelas nuvens, belo espetáculo trocado pelo café, pelo calor e pela companhia envolta em fumaça. Clarice faz seu poema, sobre um voou sem asas, eu completo, sem voar, sem estar e nós dormimos naquela noite. Nesta manhã não nos encontraríamos, mas eu sabia que estava em um sonho de Clarice, sonhos tão coloridos e inconfundíveis que se confundiam com os meus, e tão próximos da realidade que ela se moldava e prosseguíamos acordados a colher frutas em algum quintal desconhecido, que poderia ser de nossos avós, não fosse o cachorro de pêlo preto que insistia em latir para o gato passando pelo telhado. Olhos na

noite sem cor. A noite negra se estende invadindo o dia que seria amanhã, estou com Clarice, só com ela tenho esta sensação tão forte de infinito. Vampiros da luz, nós a sugamos por completo, olhos fechados num poema antigo, sombras que se movem nos cantos da sala mal iluminada pela luz do sol que resiste, estrela rei de nossos dias, juntos e separados, sempre como um só ser a vagar pela margem de um rio translúcido na escuridão. Mente que devaneia uma história de amor; poesia de Clarice. Criança que corre pelos campos cercados de ruas, casas, prédios e torres; não quero a felicidade morna como leite, sou apenas uma menina. O mundo era diferente, as coisas mudaram de lugar e não mais encontro árvores nas quais subir, jabuticabas em caixas como pedras unidas, quilos para levar. O pé que anda na frente e fica para trás determina o ritmo do passeio pela memória, contra o esquecimento. Esta ausência que permeia tudo que toco; preto. Cor que conheço de cor e não me abandona, culpa de Clarice, que insiste em caminhar ao meu lado com seu manto negro, feito de noite, da pura noite sem estrelas, sem lua, sem nuvens em movimento. Certo dia tudo começou, saí de casa envolvido por um sonho bom e não percebi que era o começo. Chegamos ao começo Clarice, sem sairmos do final, como você pediu. Giramos

em torno do centro, periferia sem opções que criamos de todos os modos. Imaginação, cor preto, abstração do sensível rumo ao especulativo. Eu especulava pelo caminho sobre meu sonho, ausência, e a cidade despertando passava por mim sem obstáculos, o sol nascia a cada novo prédio e numa esquina inesquecível você surgiu, sonho bom, realidade sem cheque. A rainha da manhã em passos miúdos como seus pés. Os gestos de Clarice, sua cabeça levemente inclinada enquanto as mãos se esfregavam, deveria estar frio, esquecimento. Sonho e real se separam e sigo meu caminho, novo caminho rumo a encruzilhada de uma vida; juntos como um só. O preto se espalha, como lágrimas em um rosto triste. Quando a vi chorar, também chorei, aquele rapaz que tinha nos magoado se afastava com o andar de um imperador e nós chorávamos juntos pela primeira vez, como irmãs, ou quase. Esta indefinição de gêneros chega ao grau máximo, preto, cor do fim ao qual retorno, quando o café já está frio e o tempo não significa mais nada. Temos uma história, em algum lugar, submersa em palavras sem cor e sem sentido, sentimento de impotência que toma rédea desta criança, correndo pelos campos. Momentos furtivos, momentos sombra, espreitam nossa vida. As cores deveriam ser as mesmas, sempre do mesmo lado, mas ainda chegamos lá, no começo. Você

sempre pergunta a cor predileta das pessoas e se surpreende com todas as respostas. Ainda não sei qual é a sua, não neste momento que se foi, as cores mudam também, como nós. Quando te beijo lembro do primeiro, tremendo, apavorada espera pelo desconhecido, por seu julgamento. Mas nós, Clarice, nunca julgamos, apenas prosseguimos rumo ao preto. O papel ainda em branco, imaculado sem ser sagrado, sangrando letras negras. Eu me calo quando você canta sua música da rosa, gotinha no jardim, como ouço esta canção, sua voz quando fecho os olhos se amplia profundamente, me toca dentro do ser, minha alma cala. Depois da primeira vez veio o dia em que ouvi você dizer meu nome, saudade, mas não era eu que você chamava, era outra pessoa que nunca vi, uma pessoa apenas sua, ausência. A melancolia sempre me seguiu, pelas costas, sem se aproximar, sem apertar o passo, quase próxima. No dia em que a conheci, pensei que fosse a melancolia que nos apresentava, se introduzia em nossas vidas para nos unir, juntos, apenas um corpo, uma mente, uma tristeza já esquecida. O dia em que fumamos juntos, na verdade era noite, quase me lembro de alguém tocando nossas músicas, mas os dias estão mais próximos, três batidas, três pulinhos, três dias não foram suficientes para afastar a ausência. No quarto dia nos

encontramos, chovia aquela chuva sem vontade, que molha tudo bem devagar, esquecida do tempo, pelo tempo, era você Clarice, você que andava sozinha pelas ruas. Os erros ficam para trás, as letras continuam a sujar o papel, pretas letras organizadas em palavras sem som. Eu também andava sozinha, as ruas eram as mesmas, mas nós ainda não estávamos juntas como agora. Quando fico em casa, com minha solidão, lembro de você; poeta. Uma flor sem cor foi o que você me trouxe no dia de nosso aniversário, sem cor e sem luz, mas com seu cheiro. Clarice, como você gosta de flores e de cores, mas não diz. Esconde um segredo para que ele continue a existir, mas tudo acaba um dia. Quero ser ele, para me abraçar, beijar e amar esta idéia de eternidade que você tornou real e que eu insisto em negar. Encontrei um homem no caminho, belo homem que me possui na sombra de uma árvore de sonho. Sonho de donzela, nosso poema sobre cavalheiros e dragões. Um dia nos encontramos novamente, juntos e juntas como um e uma só. Este é o fim, vamos além, dentro do preto. A fumaça da cidade se confunde com as nuvens de chuva da noite escura. Acendo uma vela como você faz uma prece, em silêncio e com cuidado, medindo as palavras num quebra cabeças de peças infinitas. Prosseguimos juntos rumo ao centro, compramos mate e fumo, preparamos uma festa de bruxas.

Abandonadas pelos deuses, pela terra vagamos, mantemos nosso poder. O poder de Clarice se manifestava apenas em minha presença, era para mim que ela nos fazia voar. Nossas vidas cruzavam nossos sonhos, nuvens negras abriam passagem e encontramos seu gato. Meu gato é daqueles, que perambulam pela rua e olham com olhos que vêem sua alma. A alma de Clarice era maior que seu corpo, pensamento tolo, mas se você a conhecer, entenderá o que digo. Ela está lá antes de chegar e fica com você depois de ir. Um banco de praça serve bem como cama, na primeira hora do dia, depois se torna algo incômodo, estreito e sem proteção. Queremos proteção, eu, você e Clarice queremos uma espécie de escudo contra a chuva que não cai. Sempre gostei de caminhar protegido pela chuva, tudo aos meus pés, sozinha na escuridão que para a luz, cessa o movimento dos barcos, como areia que escorre pela fina passagem de uma ampulheta, o tempo escoar, mas basta o mundo girar novamente, como todo dia, e lentamente chegamos ao início. Indagar sua realidade foi a intenção de origem, mas ela me absorveu de tal modo que sua indagação virou ausência. Clarice, vejo em seus olhos o sabor da dúvida. Duvido de tudo que me proíbe de fazer qualquer coisa e temo o desafio por si só. Quero ser livre sem estar pressa em atos de coragem, sem ter que produzir

correntes para quebrar, apenas estar livre por já sê-lo. Não entendo quando ela diz que quer ser livre, ser livre é como voar, não precisamos de asas, apenas do ar que nos cerca, nossos degraus em direção ao céu. Liberdade para Clarice é comer devagar e na hora certa, uma liberdade material, ligada ao desejo do corpo de se manter. Quando fomos de trem para o interior, eu pensava que todo aquele movimento estático nos deixaria ansiosos. Vamos ficar sentados por muito tempo, muitos lugares passavam por nós e estamos sentados; gostaria de lembrar quando foi isto; memórias que se confundem com o momento presente ainda por vir. Não tenho muitos sonhos, sou uma pessoa de necessidades simples, gosto do beijo da flor na noite e sonho com ele pela manhã. Toda tarde saio de um prédio cheio de elevadores para tomar um café. Tomo muito café, mas é este o único café que tomo. Estamos entendidos, logo o meio se perderá no espaço e teremos de retroceder para novos lugares. Preparo meu cachimbo em busca da paz, preciso de paz, as vezes me atormento tanto que quero ir embora de mim mesma, só que não sei para onde. Procuro Clarice e tento conversar, ela ainda não me perdoou, mas isto já é quase o meio; as escolhas. Me perco em números que chegam a deus e nos abandonam. O número de números não é um número e isto a confunde, como o

preto de suas roupa, do seu cabelo em dias de muito sol, cor
que não é cor, é poder. O poder de me guiar pelo caminho sem
trilhas que percorro lentamente, o poder dos poemas de
Clarice, que estão sempre comigo; ao meu lado, na sombra.

sento-me ao lado,
de mim mesmo;
talvez lado, talvez sombra.

sento-me sem olhar,
não posso ver mesmo;
talvez lado, talvez sombra.

sinto-me perseguido,
por mim mesmo;
mas não sou lado, não sou sombra.

sou eu mesmo,
que me construo;
para que você, possa me ver.

mas vale a pena que me traça,
vale pelo olhar de quem passa;
ao lado, na sombra.

*não quero ficar dando adeus às coisas passando
eu quero é passar com elas, eu quero
e não deixar nada mais do que as cinzas de um cigarro
e a marca de um abraço no seu corpo*

movimento dos barcos
Jards Macalé e Capinan

O som de meu relógio de bolso inunda o ambiente lusco-fusco do quarto estranho. Ao meu lado, na cama, está Clarice, com as pernas para cima num movimento que simula uma bicicleta sendo pedalada contra a parede. Já está claro lá fora e tenho que ir. Levanto lentamente meu corpo ainda aborrecido e procuro com os olhos por meu chinelo de dedo que me protege do chão frio há tantos anos atrás conheci meu primeiro amor, ela se chamava Clarice. Tinha quase quatorze anos, como eu, e da última vez que a vi, muitos anos depois, senti algo próximo ao ódio. Como fui mal tratado por aquela menina e como fui tolo em alimentar por dois anos um amor fracassado, deixando de lado realizações que hoje não posso ter mais. Depois, me apaixonei por Clarice, três anos mais nova do que eu. Tenho boas lembranças desta época, também sofrida, mas de modo mais maduro, mais consciente dos limites que haviam entre nós. Ela

me dava sorte, era minha musa e deusa do universo que eu começava a criar ao meu redor. Na realidade, ainda amo Clarice, mesmo depois de ter tido outras paixões e outros amores tão fortes como aquele, saber que ela ainda caminha neste mundo, ainda sorri, mesmo que distante e não de minhas brincadeiras, é ela que muitas vezes me resgata do poço da depressão, sua presença em meu imaginário torna tudo, mesmo sua ausência real, mais suportável e belo. Clarice, outro erro que não deve ser apagado, corrigido, nem ignorado, um erro do qual não me arrependo e que ainda irei cometer, se já não estou a cometê-lo, neste momento que virá. Outra paixão que não me deixa foi Clarice, bela e desajeitada Clarice, que me levava a lugares que eu não gostaria de ir, mas ia para estar com ela, para tocá-la e ouvir suas histórias quase surreais. Então, eu iria conhecer a moça de minha vida, minha rainha das cores, minha Clarice. Clarice, é assim que começa minha história, sem aviso, na realidade sem começo, pois nossa história é infinita. Clarice, a beleza dos homens me espanta, apenas em momentos furtivos como sombras cinzentas. O cinza também não é uma cor, é tudo que existe entre a não cor e a toda cor, é infinito em suas variações, símbolo da realidade que buscamos juntas e que iremos encontrar no meio deste

caminho sinuoso que percorro sozinho, ao som do meu relógio. O cinza é a escolha, sempre quase algo, quase cinza, quase o que queremos ou podemos. Sempre gostei dos detalhes cinzas de sua poesia, o cinza que se torna real; não existem os extremos, apenas cinzas. Naquele dia cinzento nós nos unimos para sempre, não chovia, não ventava e o sol não transpunha a leve água acima de nós. Caminhávamos em direção ao nosso refúgio, aquele café enfumaçado pelos cigarros de amigos e desconhecidos, onde éramos nós mesmos, nada mais, protegidos da realidade das pessoas que oprimem a si mesmas e, sem saberem, a todos. Conversamos sobre coisas de mulher, triviais para os não iniciados, mas tão marcantes para nós que eu ainda me assusto quando penso que os dias passam tão rápido que não notamos e ficamos para trás, movimento. O cinza é a metamorfose constante, incessante, inexorável, inescapável, eterna metamorfose do ser e daquilo que o cerca, nós somos o cinza Clarice, somos cinzas levadas pelo vento. Caminhávamos e conversávamos, ou melhor, caminhamos e conversamos, ou ainda, caminhando e conversando nós nos aproximamos uma da outra e nos demos a mão. O toque sob o céu cinza, escolha repleta de limites, mas ainda uma escolha entre opções sem fim, incontáveis como nosso amor. Mãos juntas, logo, passos a

frente, passamos, como deve-se passar, por aquele homem, que iria nos magoar. Passamos juntas e nos tornamos um só, eu, que sonho com seus sonhos e vivo sua vida de poesia, Clarice, rainha das cinzas de meu passado esquecido, de meu futuro perdido, de nosso presente, de uma para outra, a felicidade de um momento. Rabiscos invadem o papel, revoltos como luz, chacina de sombras, resta o cinza, não sei qual deles, pois todos têm um só nome, são um só; divergentes. Uma escolha é sempre limitar suas opções, quando escolhemos ser um só cinza, Clarice, eu e você perdemos as oportunidades de sermos outro. Tudo está ao nosso alcance, basta estender o braço e encontro teu seio delicado, abro meus olhos e vejo os seus, ainda fechados, sem ouvir o bater do relógio, voando sem asas, ao meu encontro; te espero. Meu pé é do mesmo tamanho que o sol, corpo em chamas. Isto foi dito de várias formas, cinzas, várias cores nascem do cinza sem rumo, cores e sons, sinto o cheiro do cinza de seus poemas, escuro e claro, Clarice; eu te amo. Amanhã, resolvemos sair no mesmo momento, aprenderemos com as brigas causadas pela falta de sincronicidade que ainda temos e vamos nos encontrar perdidas naquele dia cinza. Flores de outono, fora do lugar, somos o mundo que se desloca em voltas circulares, ou quase, sem perceber que o ponto em que

estamos é único. A ilusão do retorno, de seu retorno, não existe mais, metamorfose da mente agindo sobre a percepção das coisas, olhamos novamente e tudo em volta está diferente, nada é simples, apenas você, o poder de Clarice, suas cores, suas flores, sua poesia. Quando você me deu aquele livro, que falava sobre você e agora fala sobre Clarice, eu me senti lisonjeada, mas não comecei a ler ao chegar em casa, como você faz com os poemas que escrevo. Demorei muito para abri-lo e não passei das primeiras páginas. Não cheguei até aqui antes de um ano, e avancei lentamente, sem constrangimento de não lembrar da história que contava. Um dia você virá até mim e perguntará meu nome, falará sobre um livro que um dia irei terminar apenas para poder começar de novo e lê-lo de verdade. Assim são as coisas, claros e escuros, quartos quentes que não permitem a tranqüilidade desejada, prefiro sair e caminhar um pouco, deixar os pensamentos caoticamente se embaralharem e ver o que encontro a cada momento, cada esquina uma surpresa de chocolate, doce ou amargo; escolhas. Escolho um poema, ao acaso, mas escolho o livro que quero, só posso ler um poema dele, mesmo ao acaso constróem cercas. O cinza são gradações, pequenas modificações de tom, perceptíveis apenas pela contemplação atenta e persistente ou pelo viajante raro. Sair

de casa para passar férias numa praia com Clarice foi uma opção sem escolhas. Naquele tempo não podíamos ficar afastadas um dia, muito menos uma semana. Quilômetros são mil metros, quase minha altura, não poderíamos nos alcançar, teria de estender a mão e vencer o tempo abstrato. Sou o primeiro a chegar, como de costume, sento na mesa de sempre, minha cadeira por direito adquirido e converso com a garota que anota em seu bloquinho de papel o café que está sobre a mesa, quente e forte como deveria ser todo café anotado em um bloquinho ou não. Ela pergunta se sou um artista, não se lembra que alguém tem de fazer o café e afirma que passar água fervendo pelo pó é uma bela arte. Concordo com ela mas não posso fazer o que ela me pede, não sou poeta, sou um artista visual, um manipulador dos cinzas, faço escolhas certas e erradas, juntas, escolhas simples de tom sobre tom, que derramo sobre o papel. Numa tarde qualquer, domingo, vou ao parque perto de nossa casa e encontro Clarice, sentada e sozinha, com um livro fechado sobre o colo macio e a boca aberta. Vi um pássaro todo cinza, vários cinzas juntos e metamorfoseando o pássaro, talvez fosse um sonho; me sento. Quando eu dizia coisas em inglês, influenciado pelas músicas que tanto gosto, e você perguntava o que era "raised up", eu

dizia com um sorriso vitorioso que era um expressão em outra língua, e Clarice ficava irritada e me olhava com um leve torcer de lábios, logo eu perdia o sorriso e explicava seriamente para ela que significava algo próximo ao que chamamos de criado, ensinado, crescido, mas que seria melhor traduzido como destinado, que se referia ao reverso da donzela, ao amor ensinado; cinza sem irmãos. O amor não é cinza Clarice, não escolhemos o amor, ele nos escolhe, ele é o símbolo, o messias, o caminho do deus felicidade, nossa eterna busca. A humanidade luta contra este caminho estreito, luta por sua liberdade, clama o livre arbítrio e só consegue o que podemos ver numa simples caminhada pelo centro de uma cidade qualquer ou pelo interior de um país como o nosso. Não percebemos a chuva que se aproximava e chegamos no cinema molhados e alegres, esquecemos o filme acompanhado de ar condicionado e escolhemos o café quente com creme. Não era um bom café, mas o creme branco e macio, cremoso na realidade, vinha acompanhado daquela felicidade que Clarice tinha quando menina chupava cana junto ao canavial ou comia melão com as mãos sujas de terra. Sou apenas uma menina, rabiscos se encontram e vidas se cruzam, como um sonho retrato a realidade, conto minha história inacabada e prossigo

caminhando por ruas cinzas. Metamorfose das coisas, borboleta que se liberta e voa entre flores, flores de Clarice, rainha das cores, quase te perco aquele dia. Indo para algum lugar me encontrarei com Clarice, antiga paixão, velho sonho que não termina. Sina sem fim, esta que é minha, sina de mim, Clarice, Clarice, o que te dizer, perguntas mornas, sorrisos cinzas, seus gestos ainda me enternecem, quase irmã, você não me esqueceu, mas me deixou para trás, me abandonou, metamorfose do espaço imóvel, imutável amor que me guia para o paraíso, poemas de Clarice; quase cinzas. Não há extremos, esqueça o tudo e o nada, o certo e o errado, e mal e o bem; gradações, tons, cinzas. Meu cigarro queima no cinzeiro enquanto te contemplo, Clarice, meu café esfria e o momento se prolonga, múltiplos gestos que encantam meu olhar, Clarice, sua beleza é ser e estar. Somos uma pessoa indefinida, sem limites, transparentes como um camaleão na floresta, nos movemos entre as pessoas, a multidão que não nos percebe é nosso palco, show sem roteiro, improvisado de tons e sons ilustrados por movimentos, momento após momento, aplausos sem mãos; Clarice, quase te compreendo. Agora. Uma tríade pode explicar tudo, o homem sempre recorre a uma explicação tripé, ou seja, três noções, pressupostos ou argumentos são o suficiente para

apoiar qualquer banquinho, mesa ou móvel, sem a necessidade de movimento. A tríade é deste modo capaz de concretizar, tradicionalizar e fixar qualquer filosofia, ideal ou pensamento. Somos uma tríade Clarice, eu você e nós, três vezes eu mesma, como é atribuído aos orientais, mas também usado pelos ocidentais e por quem quer que esteja no meio, um que se torna dois e é três que se torna dois que são um que engloba tudo, uma unificação disfarçada; Clarice, você se fantasiou de homem e disse que era eu. Eu também me fantasio de Clarice mas não digo quem sou, não sei, sou eu, sou você, sou Clarice, sou cinza e me perco nos tons, maior e menor, grave e agudo, altos e baixos de minha personalidade única. Ser três e ao mesmo tempo um, passando pela infinidade que está entre e transcendendo o limite criado por mim mesmo, navego no micro infinito de minhas escolhas e me transformo em outro, outra, coisa. Mas sou Clarice, mulher que um dia correu pelos campos, que hoje borra o papel e que um dia será velha, avó ou rabugenta e tudo mais ou nada, cinzas que são pó que é vida que está morta. Mutação sem rumo, evolução sem utilidade, crescendo para você, para alcançar seu poder e tê-la entre meus braços; Clarice, poeta. Nada mais tenho, se tive algo, em algum lugar cinzento desta história que não conto, que brota

no papel, despejo de sentimentos, vertente de lágrimas, nada mais almejo. Tenho um gato, cinza, que me protege da escuridão. Você sempre quis ter um gato, mas sabe que não teria a dedicação necessária, você não se apega as coisas, vivas ou mortas, natureza e realidade são formas passageiras transformadas em poesia. Clarice, terei que ir embora em breve, você quer ficar, comigo, escolhas simples, ir ou ficar, mas há mais do que isto e também menos, complexidade cinza, liberdade que imobiliza nossos movimentos, você pode voar, mesmo sem asas, basta querer, querer realmente, estar certo de que quer e conseguir, sem tentar, sem desculpas, sem choro, apenas voar ou mover o universo, questão de referencial; agora. Olho para o céu, sonho com sua forma, espero a redenção. Estamos juntos, realmente juntos, corpo, mente e alma, nossas tríades unidas, e somos surpreendidos, a paz se quebra e a realidade de outro ser exige seu espaço devido. Com sorrisos e desculpas saímos, fugimos, debandamos como exército derrotado que não quer a saída fácil da rendição, lutaremos em outro lugar e vencemos outras guerras, a batalha pelo poder, poder sem fronteiras que você criou para me assustar. Sempre foi fácil assustar Clarice, sua ingenuidade e simplicidade lhe davam o prazer do susto natural, de encontrar com alguém no

supermercado ou na livraria de livros infantis. Clarice pensa que tem hábitos únicos e excêntricos sem perceber que as coisas que faz todos vocês podem fazer e com uma frequência que torna absurdo um simples número, apenas mais uma fruta no saquinho, mais um livro na estante, mais gasolina no tanque. Clarice vê as coisas de outro modo, este é seu poder, imagina a história da fruta, a semente que cai da mãe árvore e rola pelo chão ou é levada por um pássaro, pelo vento. O papel que era árvore e recebe aberto o toque pegajoso da tinta. Os dinossauros comendo árvores enormes e olhando para o céu caindo sobre seus corpos sendo decompostos e apertados para depois serem sugados por canudos de metal. Gostaria de ser o gato de Clarice, não precisar me preocupar com as coisas, não ter que pensar na felicidade, apenas vivê-la e dormir. Sonhei com uma grande casa, no meio da sala de centro, uma rosa que era Clarice. Eu perdida na imensidão da casa, sozinha e abandonado, chamando meu nome, Clarice. Cinza é caos. Possibilidades sem limite que se contrapõem e lutam pela existência, infinitas se perdem, infinitas vencem, infinitas constelações de estrelas no espaço entre nós; Clarice. Mas ainda vejo seu rosto claro, seus braços finos, sua barriga ao sol; Clarice, olhar para você hoje é como me perder. Agora que

sei meu lugar, tenho meu caminho, fecho os olhos, imaginando que é você quem o faz, por mim, para mim, comigo. Voltamos ao café para buscar seu casaco, você sempre foi friorenta, não poderia ter esquecido sem motivos, mas eu sempre fui ingênua e não percebi sua cilada. Fui pego de surpresa, por todos eles, que cantavam e assobiavam ou aplaudiam ou simplesmente iriam estar lá, para comemorar uma data que nunca valorizei, nunca vi importância nestas medições de deslocamento, apenas o sentia, percebia meu corpo se modificando e decaindo, mas negava meus sentidos e recusava a me entregar a festa que vocês prepararam tão bem. Estou cansado Clarice, cansado de lutar contra as possibilidades, alcancei tão pouco, estou tão longe de seu poder, mas você não me deixa desistir, pega minha mão e me leva adiante, mas alguns passos e irei novamente sozinho, tenho saudades, Clarice, saudades do que não irei viver ao seu lado, quando você me deixou naquela festa, sua festa, para mim, fiquei deslocado, deslocado em meu próprio santuário; Clarice, você tomou minha independência. A escolha foi minha, não nego e não me arrependo, pois hoje estou aqui e sou feliz. Pelo menos penso ser e creio conhecer a felicidade e a infelicidade, a alegria e a tristeza, o riso e o choro, para poder dizer isto; Clarice, quero um poema seu, para mim.

Quero um conto, que conte a verdade, mas tenho que descobri-la, ou inventá-la. Inventar é construir uma mentira, descobrir é destruir uma invenção. Prefiro inventar, mas que seja uma realidade; conto a verdade de um conto, conto Clarice. Numa outra noite, não lembro qual, não lembro onde, mas sei que agora, você encontrou um relógio sem ponteiros, que ainda funcionava e disse que era perfeito para mim, um relógio musical, um relógio que tinha utilidade. Ele está ao meu lado hoje, nesta noite em que vejo você partindo de meu mundo. Clarice, quando fui morar sozinho pensava que logo você se juntaria a mim, mas você nunca veio, apenas passou, momentos infinitos. Nada retorna Clarice, tudo muda, cada vez que vemos o sol, vemos um sol diferente, toda vez que cultuamos o luar, é uma lua nova que nos protege, não damos ouvido a esta frase tão antiga, tentamos seguir o rio, criamos rotinas e hábitos e pensamos estar protegidos da chuva, mas a chuva não se importa e continua a cair, temos medo Clarice, não das coisas, de nós mesmos, de nosso poder, para controlá-lo tentamos dominar o fluxo, criamos ciências e religiões, cultura e filosofia, para nos ocuparmos, e preocupações que preenchem os momentos vazios. Mas o poder continua a fluir, a terra continua a brotar e a chuva cai sobre nossos corpos nus. Não me olhe

assim, você sabe que digo o que penso, como é absurdo você não acreditar em mim, eu te amo, mas também tenho uma vida e amo minha vida, mesmo que você não queira, sou o que sou, apenas uma menina. Não corro mais pelos campos, não sou rainha nem deusa, sou uma menina e busco a felicidade. Você diz que quer a liberdade, mas não quer pagar por ela. Não me insulte, já estou no final, ou no começo, de qualquer forma este é o meio e apesar de tudo que foi dito vamos superá-lo, vamos prosseguir, só não sei para onde nem o que alcançaremos, mas vamos em frente, como numa tarde esquecida, quando, ou onde, nos vimos sozinhos, juntas, como um só, mas diferentes; mutações, Clarice. A transcendência das coisas é cinza, cinzas de um incêndio sem controle que se expande pelos mares, retrato do fim que esconde algo por detrás, não sei o que, mas quando, como, onde souber, será com você, juntas e um só; metamorfose, Clarice. Escolhas se impõem a cada instante sem sabermos porque, tons que se sobrepõem numa luta caótica sem vitória, a desordem de um estojo de lápis coloridos, quebrados, de uma criança que desenha coisas que não viu, o filho não nascido que tive com você, ausência, sim ausência e saudade e completude, o cinza que é todas as coisas; essência, Clarice. Sim, o cinza é a essência de todas as coisas, do que

há e do que não há, mas tudo isto já foi dito e temos de ir além. Clarice está com sono, ela gosta de dormir cedo, quando resolve dormir, e de acordar com o sol, quando acorda. Não se pode dizer o que Clarice é, ela está, ela é apenas momentos, fragmentos de minha vida com outra mulher. Algumas ocasiões já se passaram, talvez eu tenha errado novamente, mas não posso saber o que é um erro se não tenho o poder da precisão, como saber se errei quando tudo está unido numa coisa só, Clarice e você juntos, a mesma essência que permeia o papel ainda manchado por palavras desencontradas, encontradas num baú de velharias que guardo comigo, quero fugir das perguntas, elas me perseguem, mas não terei respostas e não quero me arriscar como Clarice. Provoquei um acidente, pus fogo em algo e você se admira com as chamas, eu me preocupo com as sombras, mas só restam as cinzas. Nada é sagrado para Clarice, nada que não seja eterno como o amor, mas o amor também é uma escolha Clarice, podemos amar várias coisas e sofreremos de amor ou então encontramos a felicidade que ele profetisa, tudo muda, tudo pode ser a mesma coisa, temos tal poder, manipulamos a essência, mas não compreendemos. Clarice, isto é uma literatura conceitual, preciso rever todos os conceitos, os significados próprios das palavras, precisamos resgatar o

sentido da linguagem escrita, rever seu papel manchado de cinzas. Certa vez, cercado pelas sombras do passado, parei de andar e num simples ritual mudei a realidade. Não compreendemos o poder de um gesto, até a ciência já indicou uma passagem, mas tomamos outro rumo e seguimos presos pelas sombras que nos rodeiam. Você brinca com poemas, mas eles dizem o que quero escrever, poderia apenas brincar com as palavras, sem me preocupar com o sentido, mas sempre haverá vários, infinitos sentidos; cinzas. A metamorfose do cinza em si mesmo é o poder de Clarice. Ela consegue ser sempre Clarice, mas diferente. No dia em que nos encontrarmos pela primeira vez, todos os dias, em todos os lugares, em qualquer alinhamento, vou te pedir um favor, que você vai atender sem perceber a importância do que faz. Sua simplicidade me apavora, sua abstração de objetivo, sua completude em mutação, você me apavora; Clarice, não sei se posso alcançá-la. Mas você sempre esteve aqui, como eu, sem se preocupar com os detalhes, vivendo pelo todo. Eu não posso, o detalhe é seu segredo, ou melhor, foi, pois agora sei que o todo não existe, nem mesmo os detalhes, tudo é um só, que se transmuda em três. As histórias de Clarice são como meus sonhos, confusas e lúdicas, ela passa pelos momentos sem precisar tirar nada

deles, sua leveza é isto, não carregar o passado num o futuro e saber que não há presente, o tempo como representação desmascarada. Numa festa de fantasias, na qual poderíamos ter ido juntas, você estava vestida como Clarice e eu tentava ser o que não sou, capturado pelo sentido da ocasião, mas perdido nas sombras da noite. Clarice não me deu uma história, apenas pensamentos desconexos que tento juntar sem ter a visão do todo, perguntas e desejos cercam o papel, ainda em branco, e eu contínuo preso aos detalhes, as manchas e a beleza do a. Sozinha no entardecer te encontrei contemplando o mar calmo, era sexta-feira e tínhamos uma festa para ir, mas eu logo percebi que você iria ficar toda a noite sentado ali, vendo o movimento dos barcos e fumando seu cigarro; apenas um abraço, foi o que deixei. Tenho tentado chorar, sinto que é preciso, mas não consigo; nem aqui. Não tenho mais nada, sou um santo descalço e sem fé; mas ainda fujo. Sinto-me velha, Clarice, já lhe disse que estou cansada, mas você me faz prosseguir, seu gato me encara com olhos que me cortam; deveria estar perambulando pelas ruas, se aventurando nos telhados, como gato livre. Tudo estava bem antes de me apaixonar por você, amar duas mulheres ao mesmo tempo é a pior das escolhas; uma escolha entre duas felicidades. O cinza é o esvaecer das

coisas. Tudo se vai e nada volta, não o mesmo. Quando você me disse que voltaria para casa, fiquei divagando sobre o que você pretendia. Estou em sua casa, esta é sua casa Clarice, você não pode voltar para cá. Como eu estava errado ao imaginar você saindo e voltando para a casa de nossos pais, ou simplesmente, abrindo a porta, dando um passo em direção ao corredor, virando num passo de dança e entrando novamente. Você não precisa se mexer para mudar de lugar, para voltar para onde estava, basta você se deixar levar pelo movimento dos barcos ao entardecer, como você está fazendo agora. Clarice, faça um poema para mim. É do poema de Clarice que rabisco estas palavras, Clarice, que é eu, minha irmã, minha amante, esvaecendo. A ferida continua a abrir, neste processo doloroso de cura a que me submeto, vou me aproximando da compreensão, do meio rumo ao início, entrevejo a transcendência em simples manchas cinzas. Talvez eu esteja me perdendo nas transições, tantos momentos de quebra já se passaram, que não sei mais como juntar as coisas, mas você me estende a mão num sorriso de compreensão e seguimos no mesmo lugar. Viajar com Clarice, este era o meu plano para o feriado, que por algum motivo não aconteceu. Não é possível fazer planos com Clarice, não é assim que ela vê as coisas.

Ela apenas segue a corrente, o instinto sem falhas de sua alma em mutação. Mas temos que fazer escolhas, todo gesto é uma escolha que acarreta em escolhas que esvaecem sem fim. Clarice, mais do que tudo, você é minha amiga, minha melhor amiga, minha única amiga. O cinza é eterno, como meu amor ele preenche tudo, do começo ao fim, temos o cinza, que nos cerca, nos protege e nos aconchega. Quando você estava em meus braços e a música tocava ao fundo, tornando a sala escura, quase escura, e começava a criar uma de suas poesias progressivas, nós começávamos a flutuar, a almofada retomava sua forma de repouso e o quase sem luz se aprofundava, olhos fechados para ver as imagens que você criava, ouvir o sutil bater de meu relógio e deixar para trás todas as coisas materiais, você me apresentava seu reino; Clarice, rainha das sombras. Sempre houveram forças tentando nos separar, forças boas ou más, sombras que nos levavam em sentidos opostos mas que também nos uniam, sombras que nós dois amamos e contra as quais nosso poder não poderá ser usado. Quando éramos amigos e fomos para sua cidade natal, para o sítio de sua avó, as sombras quase me enlouqueceram, elas não sabiam o que sentíamos, era algo que para elas não poderia existir e por isso ignoravam todos os sinais. Tivemos poucos momentos, quase nunca sozinhas, mas

todos inesquecíveis, todos tão fortemente marcados que ainda os sinto quando me acaricio, e temo que outros também possam fazê-lo, como um arrepio gostoso, em minha nuca, um formigar leve como um sorriso, cócegas em minha alma. Tenho me apaixonado consecutivamente por Clarice desde os sete anos. Ainda me lembro de seus cabelos negros, ou quase, correndo no pátio do grupo em que estudamos, das brincadeiras que brincamos juntos, dos exercícios que fazíamos uma ao lado da outra e das sombras que já estavam lá, ou aqui. Agora mesmo volto a me apaixonar por Clarice, vendo seus pés descalços sobre o tapete, seus dedos calmamente em movimento, seu olhar distante, vendo algo além do momento, fazendo uma escolha mais, tão importante como todas. Clarice sempre gostou de rituais, por sua beleza, até mesmo pela simetria dos atos. Nunca se importou com o significado, sorvia alguma energia de todos e também contribuía para seu sucesso. Quando Clarice se levanta pela manhã, ela pode fazer qualquer coisa, nada está programado, seus hábitos são tão esparsos que mal encaixam na definição. A fragilidade do que criamos é a magia de Clarice. Cortar um legume, fritar um omelete e comer devagar, sempre com o cuidado de um sacrifício sagrado, de um prazer divino, de um assassinato premeditado. Magia, talvez seja isto que

Clarice me ensinou, a magia da vida, a consciência de nosso poder, a intuição do que nos cerca. Não estou me arriscando muito Clarice, talvez eu devesse fazê-lo, mas não é o momento, tenho que esperar. As coisas estão ficando cada vez mais claras, talvez você já possa me ouvir, em meio a todo este barulho que as coisas fazem. Estamos na verdade chegando ao começo, quase podemos ver a origem destas palavras amontoadas. Uma escolha entre duas felicidades, uma escolha simples, entre eu ou você, obscurecida por uma saudade, saudade do que nunca tivemos. Quando te vejo, Clarice, me lembro de você e esqueço de mim, mas preciso de nós, preciso de nós dois juntos, como uma só, para poder ser feliz, para não mais ter de escolher; quero encontrar meu caminho. Mas não podemos encontrar um caminho, ele deve ser construído, passo após passo. Construo minha realidade, começando por me construir, confuso com os amores que tive, que me criaram, busco a compreensão, visio a transcendência e sonho com o amor-felicidade. Mais uma vez estou presa a um tripé, três tríades triplas, é tudo que tenho. Quando eu e você deixarmos de ser, este mundo estará velho, talvez por nossa culpa, e muito pouco restará para seguir nossos passos. Isto já aconteceu antes de nós, e talvez aconteça depois, estamos sempre começando um novo caminho, que

cruza diversos outros, construídos antes e depois do nosso. Criamos apenas um grande emaranhado, uma colcha de retalhos sem coordenação, sem plano; temos de parar. A contemplação das mutações, da sincronia, das inter-relações, do caos; contemplar o caos é como dormir sem sonhar. A verdadeira condição de nirvana, a arte dos cientistas e filósofos do passado, a essência de toda a arte, a fonte das religiões e o esquecimento do conhecimento; magia. A magia de Clarice me encantou, todos nós ficamos enfeitiçados por aquelas criaturas que, sem gesto ou movimento, nos transmitem algo que não explicamos mas sentimos e sabemos ser real. Não falo da beleza Clarice, é outra manifestação que se apresenta, o inefável, que chamamos de deus, ou de amor, as vezes de felicidade, não a beleza do a. Por isso não consigo entender Clarice, ela não pode ser entendida, apenas compreendida, mas quero a transcendência, minha ambição de ser o deus. Escrevo torto em linhas tortas, não prossigo com sua história, não decido sobre o fim nem conheço o começo, e já estou no meio, quase no fim, ou talvez no começo, ainda estou no meio, de qualquer forma, mas tudo depende de seu referencial, mas nem tudo é relativo, algo é absoluto; o cinza. Clarice, lembre-se de mim quando partir, ficaremos distantes por muito tempo, mas não nos

esquecemos, recomeçamos de um novo ponto e rumo a um novo final, mas o que importa é que recomeçaremos e que estamos juntas, unidas como um só, neste momento, que já passou.

simples amores tive,
variados como balas
fúteis como celofane

cruéis como guerreiros
estranhos como magos
misteriosos como reis

eternos como estrelas
distantes como deus
amores como muitos.

simples amores tive,
amores como muitos
que ainda terei.

Neste momento, que apenas começa, sem meio-fim, sem volta ou retorno, pego sua mão e a beijo leve e calmamente, um desejo se realiza e eu te compreendo; mas quero o cinza. O cinza é a transcendência, o entremeio que extrapola os limites e prossegue, o peregrino que alcança um destino apenas para ir além, o cinza é a essência, absoluto mutante que não se esvai.

Esvaecer é estar sem fim. Foi neste momento, que já passou e apenas começou, que te vi, pela primeira vez te vi com meus olhos fechados e fez-se luz. Agora, invento a verdade do cinza, o cinza nada mais é do que a compreensão, Clarice. Espero por você há quase uma hora e só então decido caminhar pela cidade. Nossa cidade é linda, cidade de contrastes, repleta de lugares, de pessoas, de tecnologias, uma cidade grande e conhecida em todos os lugares, com universidades conceituadas, empresas transnacionais, pontos turísticos, times de futebol e ao mesmo tempo de pequenos grupos, pessoas simples e conhecidas, ruas estreitas, jardins floridos, aconchegante como uma cidade do interior, que nos recebe em um abraço. Caminhando pela cidade eu observava os prédios altos e modernos ao longe e as casas antigas e esquecidas ao meu redor. Poucos carros na rua e uma sensação de nunca estar sozinho, uma sensação boa de ser amado e de estar entre amigos. Meus passos lentos certamente me levariam a cruzar com velhos colegas de escola e também com pessoas sofisticadas, estrangeiros por opção ou por naturalidade, lojas onde pode-se encontrar o mate argentino ou aquele cigarro que a maioria de nós fumamos. Bares de esquina, com as mesas ocupando toda a calçada e sempre cheios de amigos que sempre se encontram lá.

Paro em uma pequena padaria, tomo um expresso e fumo um cigarro, construo uma realidade provisória que logo será quebrada por sua presença. De todas as nossas diferenças, a que mais me incomoda é a preocupação de uma com o outro. Nunca pensamos em nós no mesmo momento, quando quero te esquecer e curtir outras experiências, você sempre aparece, como uma sombra, para me lembrar das promessas, das concessões. Quando te quero, te busco, espero e você não chega, não me acaricia e consola, está ocupada com alguma coisa que não conheço, não compreendo. Volto, sem perceber, ao lugar onde combinamos, você está lá, caminha em minha direção sorrindo três horas depois do que eu esperava, me traz de volta ao nosso universo e me abraça. Começo a te compreender Clarice, e tenho medo, medo de te perder novamente, que você me deixe para sempre como das outras vezes. Sei que você não me compreende ainda, e provavelmente nunca irá entender, ocupada com seu mundo, suas coisas, com você mesma em sua transcendência do ser. Mesmo me abraçando te sinto longe de mim, além, sempre além de onde consigo chegar. Clarice, você pode voar mas não pode me levar com você, então fico no chão, olhando para o céu estrelado, caminhando sem ver onde piso; olhos fechados. Tenho muitos sonhos Clarice, mas você tem realizações, agora compreendo

isto e já posso sentir seu corpo junto ao meu. Seus sonhos são apenas a distração de uma menina, correndo pelos campos, e os meus são um desejo, algo que quero como você. Você tenta entender estas manchas que deixa ao passar como pena ao vento, mas ainda não entendeu que não posso ser compreendida, nem entendida, você tem que me transcender. Vamos chegar ao início em breve e então você poderá me esquecer ou ser eu. O relógio continua com seu som, o barco mantém seu movimento e a luz esvaece eternamente. Nosso destino, Clarice, é o fim, mas sempre questioneei esta concepção, nada cessa, nada se desfaz, nada cria tudo e tudo é nada em movimento. Momentos, Clarice, momentos que tive ou não, ao seu lado, longe de você, te espero para juntos sermos uma; cinzas. O cinza é também a dúvida, sombra que nos atormenta nos momentos de tristeza. Perguntas que não podemos responder mas insistimos em fazê-las sozinhos na noite. Dúvidas sobre o que pretendemos compreender. Não estou certo de que te compreendo, Clarice, rainha das cores sem vida, das flores sem cor, da vida sem flores. Mas a compreensão é saber que não podemos ter certeza de nada, que a alternância dos movimentos não pode ser prevista. Caminho pela cidade cinza sem a clareza de onde vou chegar, te levo comigo, juntas podemos enfrentar tudo.

Gostaria de saber o que somos, eu e você, Clarice, e se realmente somos algo além de sonhos, de vidas que se vão, sem voltar aos meus braços. Tudo está fora de lugar, deformações de uma realidade construída com o cuidado de um arquiteto que esqueceu das pessoas, como nós, que não temos porto e vagamos pelas ruas com nossas perguntas e desejos, o papel ainda em branco. Retorno, mas o caminho já está diferente, podemos notar pelas gotas da chuva, pela nuvem branca que cruza o céu, pelo cheiro das flores sem dono, pelo gato preto que nos protege da escuridão; olhos que brilham. Tento te ver, olhos fechados, entre as cinzas de minha realidade e encontro a mim mesma, que sabe que você não quer estar ao meu lado, dentro de mim ouço o grito que pede liberdade e faço tudo por você, meu amor, tudo que um homem limitado como eu pode te dar, Clarice, você não pode me ver ainda, mas cumpro minhas palavras, o começo está aqui. Toda vez que abro uma caixa de fósforos de cabeça para baixo, ouço sua risada, os palitos se espalham pelo chão ainda sujo, vejo seu sorriso, me abaixo e pego cada um de uma vez, tomando cuidado para colocar todas as cabeças vermelhas viradas para o mesmo lado, toco sua mão ansiosa. Você fica surpresa com minha organização caótica, livros e discos numa ordem que só faz sentido para mim, arma que tenho

contra curiosos e que te priva de descobrir tudo que guardo. Não guardo nada Clarice, apenas meus sentimentos, fotos e lembranças não me importam, pois sei que tudo que vivi sobrevive eternamente junto a mim, nada se perde, nada se transforma e nada, nada, nada é eterno. Você não entende isto, nem compreende; você transcende. Esqueço o místico e seus rituais e vou direto para sua casa, é lá que tudo se esconde, tudo que quero, todos os cinzas e todas as cinzas; eu, que sou vários e várias, Clarice. Tive amores que não verei mais, estão longe, como você está se afastando cada vez mais de mim. Você está cansado e quer a calma, a tranqüilidade de uma vida contada por acontecimentos que são possíveis para você, quer se identificar mas não vê como; olhos fechados no dia cinza. Poemas de Clarice me cercam. Isto não é um desabafo ou um pedido de perdão, é uma construção de mim mesma, quero ser livre, para que você possa me ver. Ainda resta muito, na verdade tudo, ou melhor, o infinito que já se passou e ainda está por vir, o infinito agora que não temos, sombras e saudades da plenitude. Percorro o espaço, sólido mar sem som onde me encontro, distâncias que se anulam e voltam a existir. Em torno de meu lugar, olho com olhos piedosos, vendo o que há e o que não há. O mesmo, espaço sólido ser sem fim onde me

perco; Clarice, somos um, juntas. As cinzas do cigarro são vários cinzas, cinzas da compreensão que pensamos encontrar um no outro e que foi destruída por nós mesmos, por aquilo que sem compreendermos criamos e utilizamos contra nós mesmos; resta a culpa. O cinza é culpa, a sombra que Clarice nunca teve sobre seu corpo frágil, uma das muitas invenções de nossa sociedade, instrumento de controle que nos limita a todo instante, nada se exime, tudo tem um sentido absoluto imposto por nossas crenças em crenças irreais. Na verdade estamos perdidas, mas podemos continuar nesta direção, logo chegaremos a um ponto conhecido. A cidade não é tão grande, Clarice, nem tão pequena para já estarmos tão afastados do centro que não poderemos encontrar o caminho de volta. Lembre-se que estamos juntas e somos um só. Logo cruzamos o caminho um do outro e juntas voltamos para nosso refúgio, o café onde amigos e conhecidos sempre estão reunidos, discutindo literatura e cinema ou simplesmente ouvindo música e tomando chimarrão. Ficaremos pouco tempo, pois esta noite é especial, noite clara de lua. Estávamos juntas quando ela surgiu, como duas bruxas, nuas e alegres contemplamos a deusa da noite afastando as estrelas e influenciando toda a natureza. Em seu esplendor o sol nascia do outro lado, trazendo sons e vidas de volta ao

mundo e nós dois continuávamos abraçados, acenderíamos um cigarro para juntas darmos as boas vindas ao novo dia. Sombras longas de árvores novas alcançavam nossos corpos claros e calmos, úmidos pelo sereno e pelo suor da dança que faríamos para a lua cheia, pedindo pouco e agradecendo muito, vemos as flores se erguerem e decidimos ir para casa. Ondas de conchas acariciam minhas pernas, meu sexo molhado. Penso nos peixes, respiram água, respiro amor. Quando vi pela primeira vez aquela menina que tanto me machucou e tanto me ensinou, não sabia seu nome, Clarice. Quando a vi pela última vez queria esquecer quem era, que tinha existido, esquecer seu nome e nunca mais escrevê-lo num poema de amor, Clarice. Quando rabisco, inconsciente, estas letras que se juntam, sinto aquela saudade do que nunca tive; cinzas. A força motora da vida, que nos deixa livre, escolhas entre duas felicidades, dois amores, duas vidas, dois caminhos marcados por outros passos, que sigo sem saber, penso que sou livre, mas você me guia suavemente na direção de seu colo, de seu corpo de homem feito, que me atrai como um hipnotizador, me submete a esta alegria morna que não quero; o amor de Clarice. Forro a grama para me sentar ao lado da colcha e poder sentir o toque da natureza cinza que descobrimos em todos os lugares onde

passamos. Andei muito, infinitos passos, para encontrar este lugar para nós. Mas você parece não gostar do que vemos, você não é como Clarice, sempre procurando pela magia das coisas, gestos leves e poderosos que transcendem seus efeitos visíveis e causam alegrias e tristezas nas pessoas. Clarice foi embora e estou sozinha, gosto de ficar comigo mesma, mas sinto falta da presença de outra pessoa, de Clarice, com quem posso conversar sobre os tons do cinza e sua possibilidade de ir além das barreiras que definimos, não estou certo de que conseguirei isto, mas sigo em frente e levo você comigo, para juntas encontrarmos o início de tudo, a essência, o princípio do conto de fadas, as cinzas que esvaecem ao vento. A fonte da felicidade, que nos inunda; amores de Clarice. O relógio sem ponteiros continua a mover o espaço que nos separa, talvez nos encontremos ao amanhecer o dia, talvez só nos vejamos quando a tarde sussurrante se for, talvez seja esta uma noite de lua cheia; o começo. Certa vez, lá estava eu, cercado pelas cinzas de cigarros feitas a mão, mistura de tabaco e erva, sentado em minha cadeira predileta, em meu café predileto e com um livro de poemas aberto na poesia que uma mulher escreveu; para mim, Clarice.

perdi o tempo entre os dedos
raios de sol sem peneira
luz em sua velocidade

perdi o espaço pelo caminho
sons e ruídos sem ouvir
onda que se quebra

perdi a realidade que me cerca
sem poder me libertar
de mim mesma.

*for you dear I was born
for you I was raised up
for you I've lived and for you I will die
for you I am dying now*

**far from me
Nick Cave**

O branco é a presença de Clarice em nossos sonhos que se cruzam nos caminhos da realidade que construímos. Clarice nunca foi poeta, apesar de seus versos não serem ruins, ela nunca conseguiu se expressar com palavras, nunca percebeu a multidão de homens e mulheres que vagam no vazio de sua vida, não tem a sensibilidade do outro, necessária para ser compreendida. A fuga do branco que Clarice me propôs naquele poema não é minha solução. Quero borrar o branco em sua plenitude de cores unidas como uma só, como você, que é um em muitos e muitas, em uma só perda. Clarice, hoje, te encontrei no caminho e não tive palavras para lhe dizer, como você não tem corpo para falar comigo e me usa como meio de se expressar. Clarice, ninguém lerá seu relato, ninguém se importa em transcender, ninguém quer sua magia, a magia do branco que se espalha entre os traços que busco nas pedras da

estrada que você me mostrou. Clarice, isto não será uma realidade, não mais do que todas as outras cores que formam o branco, que é o começo e o fim de tudo que existe. O branco é o limite infinito que você quer cruzar, mas não consegue, por isso você me faz ir na frente, tenta fazer com que eu cruze esta barreira e depois lhe diga como fazer. Clarice, já não tenho mais para onde ir, nunca tive e agora perdi minhas forças, não posso mais te carregar para todos os lugares. Eu já estava cansado no final e o meio quase me destruiu, não creio que encontrarei um começo verdadeiro. Acredito em você, meu sonho de ser deus... espere... espere... espera que não se cumpra, você não veio quando te chamei e agora quer que eu vá até você, Clarice, rainha das flores e deusa dos caminhos, eu não posso mais. Clarice vestida de branco, sempre pensei que era um símbolo de pureza, mas Clarice não é pura e o branco é a impureza, a mistura de todas as cores, a plenitude da cor. O branco é difícil de ser depurado, ele pode se transmutar em qualquer coisa, como o diabo, mas o branco é deus. Origem e destino de todas as coisas, o branco absorve toda a energia de meu mundo, como um buraco negro visto por trás, o branco prende, atrai tudo que poderia existir mas está escondido, guardado dentro do branco. Ando sozinha pelas ruas, tudo está

branco, como se nevasse, mas isto não existe aqui, nosso branco é artificial, misterioso, puro cosmético usado para esconder a realidade. Sigo meu caminho, uma vez mais, em direção a minha cadeira predileta, que já não significa muito mais para mim. Quase me esqueço de onde quero ir. Toca o telefone público quando passo, nunca gostei de telefones, falar com Clarice sem poder ver seus lábios em movimento, o modo como ela ajeita os cabelos, seu sorriso quando faço uma piada, a incompletude que nos apavora mas persiste por todo o caminho para casa. Chego ao café um pouco molhado pela chuva, lá dentro está abafado e esbranquiçado, sem luz artificial, apenas uma vela no balcão vazio que não ilumina as mesas também vazias. Confuso, mas seguro de estar no lugar certo vou até uma das estantes e pego um livro, sento no banco em frente a vela e quando abro o volume sinto a presença de Clarice. Quero ser ele; mulher sem sentido que vaga por sonhos em neve. Clara luz de dia que me aquece e acorda, todos estão aqui, sombras, presenças e ausências me congratulam pelo pequeno passo que acabo de dar. O despertar para uma nova visão das coisas, o branco como existência. Manipulamos as coisas de todos os modos, nos convencemos de que o que foi sempre será e de que nada mais irá surgir, para que a esperança pálida e

fria não nos leve para a morte. Seguir sem expectativas é como caminhar sobre uma esteira, em sentido contrário tentamos nos deslocar, mas isto é uma questão de referência, parados iríamos mais longe do que caminhando no sentido que estamos. Clarice, você precisa me compreender, eu te amo, mas não quero mais este sofrimento que não leva a nada. Correndo pelos campos não podemos fugir da felicidade morna, temos que mudar de sentido e de história, vamos reconstruir, desde o começo, esta trilha torta e sem rumo. O branco é a tendência, tudo tende para o branco, entropia inversa, que anula nossas magias e nos faz descansar. Clarice, quando você me disse seu nome, não percebi o branco se agitar, os movimentos cessaram ao meu redor e eu sabia que seriam muitos passos para que eu voltasse a sentir a realidade refletida em seus versos. Isto passou, como tudo irá voltar diferente, transmudado em uma das cores infinitas que vivem no branco de sua pele, de suas roupas em meus sonhos que não sei mais de quem são e para onde irão me levar nos dias em que você está comigo e me abraça, fecha meus olhos com a palma de suas mãos e pergunta o que vejo, manchas de luz que percorrem minha visão das coisas que você criou dentro de mim. Clarice, sua presença irá me destruir se você não conseguir me compreender e se juntas, não transcendermos a

nós mesmos e encontrarmos um lugar onde possamos viver em paz. O branco é inquieto, sempre branco, nunca o mesmo, ele nos faz acreditar no paraíso perdido, pureza artificial, que só um deus pode desmascarar. O branco é sono, cegueira da mente que não se movimenta, sem sonhos, sem atropelos, o sono tranqüilo dos imortais, que nada aspiram, que nada esperam, que nada pedem em troca de sua presença. Apenas estão lá, a todo momento atentos e impávidos, impávidos seres da eternidade, estátuas de mármore esculpidas pela mão do criador. Distâncias tão próximas que se integram ao infinito. Mar sem fim que me leva nos braços, perguntas e desejos que enfestam o papel um dia branco. Clarice, o melhor seria a gente se encontrar apenas durante a lua, nas danças e orgias, sem termos que justificar qualquer ato, sem carregarmos o peso uma do outro, sem centenas de rabiscos a nos definirem, como um termo de dicionário filosófico. Isto não levará a nada, mas não quero chegar ao nada, nem a alguma coisa, apenas prosseguir suavemente e sem grande esforço, sem rumo, sem destino, sem hora para ir dormir. Quando começamos, isto tudo era uma promessa, que não foi feita, mas você interpretou os sinais como quis e criou seu próprio caminho, por isso devemos nos separar, mas antes tenho uma pergunta a fazer, a única que

farei, minha única exigência, meu único pedido, sua única escolha, escolha simples que lhe peço sem exigir realmente, sem apelar para o sentimento de que mereço algo de você, ninguém deve nada a ninguém, não temos de ser recíprocos nem justos, não é esta a realidade que reflete no espelho de sua alma. Quero apenas que você ouça minha história e depois a esqueça, deixe-me partir rumo ao branco que tudo aceita. A magia de Clarice está em seus gestos simples, no modo de piscar os olhos, de mexer no cabelo, de sorrir ou de fechar a cara quando o gosto do café não é bom. O movimento de seus braços e suas mãos pode destruir o mundo, ou criá-lo a sua imagem, Clarice, deusa de branco que me trouxe a luz da sabedoria, e a confusão que a acompanha, entropia da construção, reflexo da realidade, Clarice cruza meu caminho em sonhos de amor. Sua presença plena quase não pode ser suportada, como o sol ela ofusca todas as estrelas e faz nascer a lua que louvamos. Clarice está em tudo que vejo, ouço, cheiro, toco ou sinto, o gosto de Clarice é o gosto de minha saliva. Clarice, rainha das flores deitada nua sobre um jardim de margaridas; branco. Os poemas de Clarice, era o livro que sempre estava em minha mão. Livro que ainda não escrevi e que existe como existe água no mundo, peixes e algas

que nadam pela terra fluída. Ela se aproximou e o pegou de minha mão trêmula, folheou e parou em uma página quase central, leu seu poema, o poema de uma mulher, para uma mulher, escrito por mim. Sua escolha foi quase sem escolher, ela já sabia, de algum modo, que aquele era o meu poema, as estrofes e os versos que eram meu espelho translúcido. Ouvir sua voz soar aquelas palavras foi como um feitiço, uma maldição, a magia de Clarice, simples, sem rituais ou adereços, sem raios ou vendavais, a simples e poderosa magia da voz e das palavras unidas aos gestos sutis, algo no jeito em que ela se mexe, diz a música que tocava ao fundo naquele dia que ainda não chegou; presença. O branco é a união dos diversos, único ser que possui todos os seres, o branco se expande e invade a tudo, sem finalmente vencer, mas sempre a frente de seus adversários, contra ele, apenas o que não há; o nada. Fugi sem olhar; olhos fechados. Se não fosse por você, eu não existiria, nada disto teria acontecido e poderíamos ter seguido nossos caminhos sem preocupações inventadas. Mas procuro uma verdade que só posso encontrar com você, juntos, todos nós, sei que você está cansado, eu também, pois meu esforço foi ainda maior que o de Clarice e o seu, vire a página, já estamos quase no começo, que será para você o

final, mas tudo está bem, a vida existe e continua sob condições adversas e nada perdemos, pois ainda podemos ter tudo que sonhamos; basta fechar os olhos. Clarice, agora, você pode me ver?

um único verso,
de uma única estrofe;
reflete a realidade.

fim

entre o preto e o branco

cinzas

de Clarice